

APRESENTAÇÃO

Eis que lançamos mais um número da Revista Tempos Históricos! A publicação de uma nova edição assinala o bom êxito de todo um trabalho e dedicação que perpassam a atividade de pesquisa de cada um dos autores que gentilmente submeteram um texto a revista, bem como dos integrantes do Conselho Editorial, cujos esforços deram origem à mais esse número. E, ainda que corramos o risco da redundância (haja visto as apresentações elaboradas para os números imediatamente anteriores), os artigos publicados na edição referente ao primeiro semestre de 2017 reiteram o compromisso da Tempos Históricos com a pluralidade de temas, abordagens e objetos que caracterizam a riqueza e a vitalidade do ofício do historiador.

Sendo assim, abrimos o número com sete artigos que integram o Dossiê Temático “Experiência social e escrita da história: relações de poder na contemporaneidade”, que contou com a primorosa organização por parte das professoras Heloísa Helena Pacheco Cardoso (UFU) e Sheille Soares de Freitas (UNIOESTE), a quem manifestamos nossos agradecimentos. Em seguida, temos outros onze textos, que se inserem na seção de “Artigos livres”. O primeiro deles nos remete ao campo da História Intelectual na Argentina: em “*El mejor escudo de armas es el Rolls Royce: modernidade e decadência de Buenos Aires por Ezequiel Martinez Estrada*”, Alexandra Dias Ferraz Tedesco explora trabalhos do citado ensaísta a fim de identificar as críticas que o campo intelectual argentino nos anos 1930-1940 tecia diante de concepções acerca de modernidade e as relações que mantinham com certos pensadores de origem alemã. Já “Convergências, divergências e confrontos na luta pela terra: o processo de ocupações no Nordeste mineiro (1985-1997)”, escrito por Arnaldo José Zangelmi, se volta para as estratégias e ações adotadas por trabalhadores rurais na área supracitada, salientando em que sentido as mobilizações empreendidas por tais atores sociais foram reforçadas a partir dos anos 1990, em meio a transformações vivenciadas por tais trabalhadores.

Das lutas no campo passamos para a Venezuela chavista. Em “A democracia participativa da era Chávez e a questão dos conselhos comunais e das comunas”, Eduardo Scheidt aborda de que maneira instituições como as referidas comunas promoveram

alterações na cultura política venezuelana no período, ao estimularem aquilo que o autor denomina por participação política direta. Por sua vez, o quarto dos artigos livres nos remete aos Setecentos. Com “Condenados às fornalhas acesas do inferno: sobre os *Tormentos do Inferno* a que estavam sujeitos os pecadores (*Desengano dos pecadores*, de Alexandre Perier SJ., 1724)”, Eliane Cristina Deckmann Fleck e Mauro Dillmann se dedicam à análise das representações imagéticas e textuais dos chamados *Tormentos do Inferno* que integram a obra do jesuíta Perier, que evidenciam as crenças sobre a salvação das almas correntes no mundo luso-brasileiro do século XVIII. Ao trabalho, seguem as reflexões teóricas sobre o fazer historiográfico, em particular ao campo da história dos conceitos. “Revolução – variações em torno de um acordo conceitual”, de autoria de José D’Assunção Barros, procura oferecer uma nova definição para o conceito de “revolução” e, para tanto, estabelece uma analogia entre o emprego de conceituações por parte do historiador e a noção de “acorde”, tal como se vê na teoria musical.

Na sequência, Laurindo Mekie Pereira se dedica a investigar as crises políticas de 1955 e 1964 no Brasil. O texto “Importância e limite da democracia na cultura política brasileira (1955/1964): uma análise a partir da trajetória de José Maria Alkmin” se fia sobre o político em questão, figura atuante à época, a fim de refletir sobre a relevância que a democracia possuiria no interior daquilo que o autor procura estabelecer como “cultura política brasileira”. Com o artigo de Máine Barbosa Lopes, retornamos à Argentina da primeira metade do século XX. Tendo por foco as ações de Ricardo Levene, a autora se interroga sobre os eventuais papéis que os historiadores exerceram em meio à esfera pública do país platino naquele período, mediante a composição do texto intitulado “Com dedicação e “espírito patriótico”: a atuação de Ricardo Levene na *Comisión Nacional de Museos y de Monumentos y Lugares Históricos*”. Época coetânea é objeto de problematização por parte de Renan Santos Mattos: no entanto, é a gaúcha cidade de Santa Maria o lugar em que se circunscreve o seu trabalho. “Propagandista e doutor: Fernando de Ó e o espiritismo nacionalista dos anos 1940” busca compreender como a associação entre nacionalismo e espiritismo nos escritos de Fernando de Ó pode ser encarada como evidência das disputas no interior de uma cultura religiosa em nosso país.

O nacionalismo no Brasil também se faz presente na problematização estabelecida por Roberto Bitencourt da Silva. Em “A Revolução Cubana no Brasil (1959-1964):

CONSELHO EDITORIAL

recepção e solidariedade nas esquerdas nacionalistas e em *O Semanário*”, o autor recorre ao periódico assinalado com vistas a salientar o papel desse veículo da imprensa na divulgação de ideias e ações por parte de grupos políticos de esquerda, de matriz nacionalista, obliteradas a partir do golpe de 1964. As notícias e editoriais divulgados por *O Semanário* a respeito da revolução na ilha caribenha permitem salientar a atuação dos nacionalistas de esquerda no interior da sociedade civil e do Estado brasileiro naquele momento. Em seguida, somos levados à produção intelectual no seio do Império romano ao tempo da dinastia dos Severos, com o artigo “Identidade grega e poder imperial romano em representações da Índia: reflexões a partir da *Vida de Apolônio de Tiana*, de Filóstrato”, escrito por Semíramis Corsi Silva. O texto explora de que forma a figura de Apolônio foi elaborada pelo sofista de origem helênica tendo por objetivo de reiterar a identidade e *paideia* grega do próprio Filóstrato. Finalmente, o artigo que encerra a seção de textos livres é “Historiar a crítica e criticar a história no Oitocentos: Renan, a historiografia e as religiões no tribunal”. Essa investigação de natureza historiográfica, composta por Thiago Augusto Modesto Rudi, lida com a noção de crítica no seio da produção do saber histórico na Europa do século XIX, tomando por base alguns escritos de Ernest Renan no que tangia à esfera das religiões e as prescrições neles contidos quanto aos procedimentos que o historiador deveria adotar em relação à sua prática.

A edição atual é composta também pela publicação de duas resenhas de livros: Karla Simone Willemann Schütz analisa a coletânea “História pública no Brasil: sentidos e itinerários (2016)”, organizada por Ana Maria Mauad, Juniele Rabêlo de Almeida e Ricardo Santiago, ao passo que Samuel Fernando Silva Junior assina a resenha acerca de outra obra de autoria coletiva, “A miséria da historiografia: uma crítica ao revisionismo contemporâneo (2014)”, sob organização de Demian Bezerra de Melo. Por fim, como de praxe, expomos os resumos das dissertações defendidas no Programa de Pós-Graduação em História da UNIOESTE no primeiro semestre de 2017.

A todos, ficam os votos para que a leitura estimule boas reflexões e necessárias ações!

Conselho Editorial
Junho de 2017